

**Diziam que do Outro Lado
Havia um Caminho
que Cortava o Tempo da Demanda em Dois**



© João Tuna / TNSJ

**Ana Vitorino
Carlos Costa
João Martins**

“Diziam que do Outro Lado Havia um Caminho que Cortava o Tempo da Demanda em Dois” estreou a 6 de novembro de 2020 no Teatro Municipal de Vila Real.

Texto e Direção Ana Vitorino, Carlos Costa, João Martins

Cenografia e Figurinos Inês de Carvalho

Desenho de Luz Pedro Correia

Banda Sonora Original Kaffe Matthews (com sonoplastia de João Martins)

Vídeo Nuno Barbosa

A Caixa José A. Nunes

Interpretação Ana Vitorino, Carlos Costa, João Martins, Maria Manada

Coordenação de Produção Amarílis Felizes

Produção Visões Úteis

Coprodução Teatro Nacional S. João, Teatro Municipal de Vila Real

Apoio Anjos Urbanos, Erva Daninha

Agradecimentos Arte no Tempo, Onda Pura, Wello Oy (Heikki Paakkinen e Baptiste Mathié-Claverie), Susana Martins, João Tiago Fernandes, Cláudia Escaleira, Pedro Marques, Arsélio e Rosa Amélia Martins, Mestre Manuel Sousa Pereira, Hugo Martins, Jorge Constante Pereira, Jagodes, Hernâni.

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes



Este texto está sujeito a uma licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

PERSONAGENS

ANA, uma demandante

CARLOS, um demandante

JOÃO, um demandante

MARIA

PRÓLOGO

Três tendas estão suspensas a diferentes alturas e a alguma distância umas das outras. Em frente a cada uma, um degrau de madeira. No interior das respetivas tendas estão três demandantes: ANA, CARLOS e JOÃO. No centro do espaço, o aro metálico da estrutura de uma tenda ausente. Acima do aro, vê-se o cabo que teria suspenso essa tenda. No centro do aro, uma caixa de madeira. MARIA, perto da Caixa, gesticula para si própria, relembrando a montagem e funcionamento de um mecanismo.

AMANHECER

ANA aparece à porta da sua tenda.

ANA – Isto já tinha começado mal. Isto já tinha começado antes, mas agora que ia continuar, já estava a começar mal. De repente, quando damos conta, já não somos 4, somos 3.

ANA sai da tenda e inspeciona o aro do demandante ausente. CARLOS coloca a cabeça de fora da sua tenda.

CARLOS (para MARIA) – Foi-se embora? (ela acena com a cabeça afirmativamente)
Não volta? (MARIA acena negativamente com a cabeça)

ANA (ansiosa) – Não há problema. É compreensível.

CARLOS (saindo da tenda e inspecionando o aro) – Coisa estranha. É inacreditável!

ANA – Eu compreendo. E não é um problema.

CARLOS começa a regressar à sua tenda. Quando está quase a chegar à tenda, volta subitamente para trás, zangado.

CARLOS (para MARIA) – Nem é por mim! Eu consigo avançar!

ANA – Afinal, quem diz 4 diz 3, quem diz 3 diz 2...

CARLOS – Eu até fazia isto sozinho!

ANA – ... quem diz 2 diz 1.

CARLOS – Mas uma pessoa está a contar... uma pessoa acha que estamos juntos... que estamos a fazer o mesmo, que combinámos seguir caminho... e de repente um de nós desaparece?

ANA – Há muitas coisas que se fazem com 3 e não se fazem com 4... *(para MARIA)* Por exemplo, diz uma.

MARIA olha em silêncio. JOÃO aparece à porta da tenda e observa o aro.

CARLOS – Uma pessoa tem expectativas! *(para MARIA)* Tu sabes as coisas que eu planeei a contar que éramos 4?

MARIA acena afirmativamente com a cabeça.

ANA – Caramba, é difícil... De facto, é mais fácil ao contrário. *(para MARIA)* Coisas que se fazem com 4 e não se fazem com 3, por exemplo, diz uma.

MARIA olha em silêncio.

ANA – Eu digo... Uma partida de ténis de pares. Duas valsas.

CARLOS – A culpa não é tua. Nem minha.

CARLOS volta à sua tenda, MARIA ajuda-o a subir.

ANA – No Quirguistão há um lago que continuamente se esvazia sozinho. O calor do Verão derrete o gelo do Inverno, e essa água vai enchendo o lago aos poucos. Quando atinge a capacidade máxima, o lago transborda e esvazia-se completamente em 3 dias. Ninguém sabe explicar porquê.

MARIA olha para ela.

ANA – São coisas que eu sei. Eu sei coisas destas. Algumas mais interessantes do que outras. Mas todas muito interessantes. Vais perceber isso pelo caminho.

JOÃO – Havia um tipo — eu não o conheço mesmo mas é como se conhecesse... Havia um tipo que, antes de chegar aos vinte anos, já parecia pronto para resolver todos os grandes problemas matemáticos do seu tempo. E esse tipo meteu-se num duelo - não interessa porquê, um duelo daqueles com pistolas, ou espadas; um duelo estúpido, não interessa - e na noite anterior ao duelo, o tipo tentou escrever tudo aquilo que tinha descoberto e todas as soluções para os problemas que tinha resolvido, ou tentado resolver. Numa noite! O trabalho de uma vida inteira. Um resumo! Mesmo de coisas que não tinha conseguido acabar. E durante 100 anos ficou uma porrada de

gente a tentar decifrar aqueles papéis, para perceber tudo aquilo que ele tinha feito.
(para ANA) Numa noite! (para CARLOS) Na vida toda.

ANA (volta a olhar o aro; para MARIA) – É uma questão de tempo?

MARIA olha para ela sem perceber.

CARLOS (para MARIA) – Vale a pena esperar?

Tempo.

MARIA – Não.

TORRES DE HANÓI (primeira parte)

ANA retira da sua tenda um pacote de bolachas e tenta abri-lo, sem sucesso. JOÃO, da sua tenda, entrega um jogo de Torres de Hanói a MARIA, que o prepara; ANA desiste e atira o pacote a MARIA, que lhe entrega o jogo; ANA estuda as Torres de Hanói. Da tenda de CARLOS vão saindo bolas de papel amarrotado.

ANA (retirando um disco) – Pego no disco mais pequeno e/

JOÃO (interrompe, da sua tenda) – O que é que estás a fazer?

ANA – Estou a jogar. Estou a começar o jogo.

JOÃO – Mas não podes começar assim, ao calhas. Tens de saber qual vai ser o teu primeiro movimento.

ANA – E como é que eu sei?

JOÃO – Depende de onde queres chegar no fim.

ANA – Preciso de saber o fim para começar?

JOÃO – Depende de como queres jogar. Podes não precisar. Mas convém ter a certeza de como comesas. O primeiro movimento vai determinar o último.

ANA – Se eu tenho de ter a certeza do primeiro movimento, como é que faço para começar sem ter a certeza?

JOÃO – O jogo é simples. O objetivo é mudar a torre de sítio, do poste original para um dos outros postes, movimentando um disco de cada vez. E, em cada movimento, tens que ter a certeza que não pões um disco maior em cima de um disco mais pequeno. São as regras do jogo.

ANA pega em dois discos simultaneamente.

JOÃO – Está mal. Só podes pegar num disco de cada vez. Só depois de pousares um disco é que podes pegar no seguinte. São as regras do jogo.

ANA (repondo os discos) – Não estou a ouvir nada.

JOÃO – Se não jogares o jogo como é suposto, mais vale não jogares. O jogo serve para exercitar competências fundamentais: classificação, ordenação, contagem, lógica... É para isso que servem as Torres de Hanói. É o nome do jogo.

ANA coloca o disco mais pequeno num poste, depois o segundo por cima do primeiro.

JOÃO – Está mal. Ainda não percebeste? Não podes pôr discos maiores em cima de discos mais pequenos. Tens sempre que ordenar do maior para o mais pequeno, de baixo para cima. Em cada poste.

ANA (repondo os discos) – Não estou a ouvir nada.

JOÃO – É simples. Do princípio: tiras o primeiro disco do topo da torre original e colocas noutra poste. Depois tiras o segundo disco e colocas no único sítio possível: o poste livre... porque não podes pôr um disco maior em cima de um mais pequeno. Depois, como já não vais poder pôr o terceiro disco da torre original em lado nenhum, vais ter que libertar um poste. Para isso, voltas a pegar no disco mais pequeno de todos e colocas sobre o disco anterior. No poste que fica livre, colocas o terceiro disco. Depois de perceberes esta lógica, só tens que seguir as regras. Para movimentares um disco da torre original, precisas de um poste livre; para teres um poste livre, precisas de ordenar todos os discos já retirados, noutra poste. E repetes. Cada disco novo que sai da torre original implica mais movimentos dos discos anteriores. É o algoritmo do jogo.

ANA, confusa, sobrepõe todos os discos numa ordem aleatória.

JOÃO – Está mal. Assim vais baralhar os discos todos. Vais ter que andar para trás.

CARLOS (*aparecendo à porta da sua tenda, com um papel na mão*) – 1000 anos!

ANA (repondo os discos) – Não estou a ouvir nada!

PRIMEIRA EPÍSTOLA

CARLOS – Bom, mais ou menos 1000 anos, não estamos aqui para ser rigorosos. Há 1000 anos um navio viking atraca junto a Skara Brae, uma aldeia perdida num arquipélago perdido no Mar do Norte. Quando os homens se preparam para desembarcar, o comandante hesita. Está a tentar terminar um poema e faltam-lhe algumas palavras, ou então não são as palavras que lhe faltam, antes o ritmo, ou, pior ainda, falta-lhe sentido do próprio poema. Hesita. Deve desembarcar com os seus homens para fazer as coisas que os vikings fazem quando desembarcam ou ficar no barco a terminar o poema? A tripulação olha para o comandante sem perceber a hesitação.

CARLOS guarda a folha que tinha na mão, com o poema do comandante viking, e calça umas botas de surf. JOÃO sai da sua tenda com a ajuda de MARIA e senta-se num banco, com o seu material de desenho.

CARLOS – Eu não. Eu não entro nisto para me perder em hesitações. Comigo é assim: Data para partir, data para regressar. Um risco para correr. É para isso que estou aqui, é ou não é? Para arriscar e confiar que vocês também arriscam comigo. O meu compromisso convosco? Fácil: Estou disposto a perder tudo, estou disposto a morrer aqui convosco. E olhem que isto do morrer não é uma metáfora, acreditem, não é um exagero, uma figura de estilo para vos prender à minha história, é mesmo o que é, e garanto-vos que no final vocês vão ter a minha vida nas vossas mãos. Estamos de acordo?

CARLOS sai da tenda e assume uma pose de surfista em cima do degrau.

CARLOS – Então o que é que se segue? Curso Instantâneo de “Equity Crowdfunding”. Mergulho de cabeça! “Equity Crowdfunding” é a venda ao público de ações de uma empresa, mais ou menos aquilo que se faz na bolsa de valores, mas aplicado a empresas que não estão cotadas em bolsa. Portanto todo o espírito livre, participativo, anarca, dos crowdfunding, mas pensado para ganhar dinheiro. Estamos juntos nisto?

CARLOS começa a posar para JOÃO, que o desenha.

CARLOS – O mais difícil é conseguir autorização para entrar no investimento de risco, porque investir na energia das ondas é um risco, acreditem. Não é como no surf em que te fazem um briefing de 10 minutos e estás na água: Parte da frente da prancha (*head*), parte de trás da prancha (*tail*), parte dos lados da prancha (*rail*), *paddle paddle*,

paddle, paddle, olha para a onda, um dois três, *stand up*, vira para um lado, vira para o outro, se caíres protege a cabeça e não leves com uma prancha em cima.

CARLOS desce do degrau e dirige-se a JOÃO.

CARLOS – Não. Aqui são as mesmas ondas, mas é o outro lado das ondas. Que idade tens? Quanto ganhas? Que percentagem poupas do teu salário? Estás disposto a perder dinheiro? Quanto tempo tens para monitorizar o investimento? Percebes alguma coisa de ondas? E de energia? E de gestão financeira? Sabes que o destino habitual de uma *start-up* é a falência? E mesmo assim queres investir?

JOÃO desiste de desenhar CARLOS, vira-se para o lado contrário e começa a desenhar ANA, que ainda estuda as Torres de Hanói.

CARLOS – Estão a seguir-me? Todas as perguntas apontam para “Foda-se você está mesmo a ver que isto tem tudo para correr mal?” “Foda-se, você quer mesmo colocar o dinheiro com que devia acautelar a doença, o futuro, a velhice, num negócio que tem tudo para correr mal”. Resposta: Sim, quero. Sim, sei.” (mesmo que não saibas; o que interessa é acertar nas escolhas múltiplas e o teste é com consulta.) “Sim, sei, quero, sim!”

CARLOS regressa ao interior da sua tenda.

TORRES DE HANÓI (segunda parte)

JOÃO vai tentando desenhar o que ANA descreve.

ANA – Eram 64 discos de ouro que Brahma tinha colocado numa torre, e ao lado dois postes, no centro de um templo no centro da terra. 64 porquê? Oh... por tanta coisa.... Não era ao calhas, as divindades não deixam nada ao acaso: 64, o número da perfeição, por ser o resultado de 8x8; 64, o cubo de 4, ou seja, 4 elevado a 3, e por isso o número do mundo físico elevado ao seu potencial; 64, o número de casas do tabuleiro de xadrez. 64... eu posso continuar, mas também posso parar a qualquer momento.

JOÃO – Estás a fazer coisas que eu não consigo desenhar.

ANA – Não olhes para o que eu estou a fazer, olha para o que eu estou a dizer. E Brahma disse aos monges que passassem os discos um a um para outro poste, e que, quando finalmente terminassem e toda a torre tivesse mudado de poste, o mundo

acabaria. E parece que eles ainda lá estão, a passar os discos de um lado para o outro - isto não é uma coisa que eu sei, é uma coisa que se conta, isto não é necessariamente verdade, mas se formos a ver bem até tem um certo sentido, porque nós ainda aqui estamos e o mundo ainda não acabou, e se nós ainda aqui estamos, é porque eles ainda lá devem estar.

JOÃO – Estás a dizer coisas que eu não consigo desenhar.

ANA – Não olhes para o que estou a dizer, olha para as palavras. Estás preparado?

JOÃO – Para quê?

ANA – Se tens de perguntar é porque não estás preparado.

Tempo.

ANA – Estás preparado?

JOÃO – Não.

Tempo. JOÃO muda a folha do seu bloco de desenho.

ANA – Estás preparado?

JOÃO – Estou.

ANA – Pego no disco mais pequeno e passo-o para o poste da direita. Pego no segundo disco mais pequeno e passo-o para o poste do centro. Pego no disco mais pequeno e passo-o para o poste do centro. Pego no terceiro disco mais pequeno e passo-o para o poste da direita. Pego no disco mais pequeno e passo-o para o poste da esquerda. Pego no segundo disco mais pequeno e passo-o para o poste da direita. Pego no disco mais pequeno e passo-o para o poste da direita. Pego no quarto disco mais pequeno... Enganei-me? Não. ... e passo-o para o poste do meio. Pego no disco mais pequeno e passo-o para o poste do meio... agora é que enganei... não!... pego no terceiro disco... pego no segundo disco mais pequeno e... enganei-me!

ANA pára frustrada. MARIA está ao seu lado, com o pacote de bolachas de mão. ANA pega numa bolacha que MARIA lhe oferece. Começa a colocar as bolachas num dos postes livres da Torre de Hanói, como se fossem discos. JOÃO muda de folha e começa um novo desenho.

ANA – Brahma...

JOÃO – Brahma.

ANA – ... tinha 5 cabeças...

JOÃO – 5 cabeças.

ANA – ... que apontavam as cinco direções: Norte, Sul, Este, Oeste e Para Cima!

JOÃO – Para cima.

ANA – Mas um dia, quando toda a gente andava a tentar perceber onde terminava uma coluna de luz gigantesca, Vishnu disse “Andei, andei, andei, andei e desisti, e posso afirmar com toda a certeza: a coluna de luz não tem fim!”

JOÃO – A coluna de luz não tem fim.

ANA – Brahma resolveu pregar uma peta e disse “Andei, andei, andei, andei e posso afirmar-vos com toda a certeza: A coluna de luz tem fim e eu vi-o com os meus próprios olhos”. E Shiva, que sabia que isto era mentira, ficou tão chateado, mas TÃO CHATEADO com a mentira, que cortou uma das cabeças de Brahma, a que olhava Para Cima, e por isso agora ele só tem 4 cabeças,

JOÃO – 4 cabeças.

ANA – Ahah, perde-se a cabeça por cada coisa, não é verdade?

Pausa. ANA começa a comer de seguida as bolachas que colocou na Torre.

ANA – E os discos de ouro que Brahma deu aos monges lembram-me o templo onde havia uma estátua de Buda/

JOÃO – Buda?

ANA – Buda... uma estátua grande, grande, grande, grande, mas assim mesmo grande, grande (*olha o desenho de JOÃO*), maior ainda! Era mesmo grande! Quer dizer, o Buda já é grande, grande, grande, grande, mas a estátua era maior, maior, maior, maior. (*olha o desenho de JOÃO*) Não, não era gordo, gordo, gordo, gordo; era grande, grande, grande, grande. E um dia os monges tiveram de sair do mosteiro e queriam levar a estátua, mas quando tentaram tirá-la ela não se mexia, porque era pesada, pesada, pesada, pesada, mas MESMO pesada!! E aquilo não fazia sentido, como é que uma estátua de barro...

JOÃO – De barro?

ANA – ... porque era de barro, de terra, ou algo assim – como é uma estátua de terra era assim tão pesada? E foi então que um dos monges se aproximou da estátua e esgravatou com uma unha...

JOÃO – Com a unha?

ANA – ... e descobriu que, por baixo, a estátua... era toda feita de OURO!

JOÃO *(sem perceber)* – O quê?

ANA *(com a boca cheia)* – Toda feita de OURO!

JOÃO – Feita de quê??

ANA – DE OURO!

ANA entra na sua tenda, ainda a mastigar as bolachas que tem na boca.

QUERO PARTILHAR

JOÃO *(para MARIA, levantando-se)* – É sempre assim, não é? Sempre foi. Desde o princípio que imaginava que isto podia acontecer. Nunca pensei que fossem malucos. Nem malucos nem místicos. Para mim eram só diferentes. Pediram-me indicações. No dia em que partimos, perguntaram-me se eu sabia qual era o caminho. Não sei porque é que me pediram as indicações a mim. Se calhar, só porque estava lá. Devia estar a desenhar. Faz parte do meu trabalho, desenhar. Nunca pensei que eles reparassem no que desenhava. O olhar deles era esquisito.

JOÃO segura dois dos seus desenhos. Dirige-se à tenda de ANA, olha para a tenda, depois para um dos desenhos que tem na mão.

JOÃO – Eles pedem-me para eu desenhar indicações. Perdem-se com as palavras e com os gestos, o que é estranho, mas é o que é. Mesmo quando as coisas estão à vista, percebem melhor se eu desenhar. Eu tento não pensar muito nisso. Limito-me a seguir e a tentar ajudar.

JOÃO dirige-se à tenda de CARLOS, olha para a tenda, depois para um dos desenhos que tem na mão. ANA começa a atirar para fora da tenda os seus pertences: mochila, caderno, casaco, uma garrafa de água, rolos de ligaduras, uma faca.

JOÃO – Ter companhia não me chateia. Não é que me sinta sozinho, mas se íamos para o mesmo sítio, não se justificava irmos sozinhos, não era?

JOÃO aproxima-se do centro e passa os desenhos que tem na mão a MARIA. ANA sai da tenda e coloca um rolo de ligadura num poste das Torres de Hanói.

JOÃO — Acho que, depois de um certo tempo, percebi que o caminho deles, que parecia ser o meu, era muito mais longo. Como se em vez de irmos diretos do ponto A ao ponto B, estivéssemos a dar todas as voltas possíveis para conhecer todas as rotas possíveis, sem nunca nos aproximarmos de facto do ponto B e sem nunca regressarmos ao ponto A. Não há um plano.

JOÃO dirige-se ao aro do demandante ausente e levanta-o. MARIA coloca a Caixa cuidadosamente de lado. ANA caminha, desenrolando o rolo de ligadura atrás de si e passando a faca casualmente pelo corpo.

JOÃO — É como se, antes de chegar ao destino, eles precisassem de conhecer em detalhe todas as possibilidades e obstáculos. Eu percebo a necessidade de conhecer bem o caminho e a importância do detalhe. E percebo a frustração deles. Quer dizer: reconheço que os meus esquemas são imperfeitos. Mas não é um sentimento de culpa.

JOÃO vai rodando o aro nas mãos, inspecionando-o. MARIA observa, pronta a ajudar. ANA enrola o rolo de ligadura à volta de uma mão.

JOÃO – Eu percebo a irresponsabilidade de criar indicações tão vagas, mas não temos tempo para muito mais, pois não? De certa forma, sinto-me responsável por eles. Mas, se ceder à tentação de representar tudo com o máximo de detalhe, isto não tem fim, pois não? Divides, divides, divides... repetes, repetes, repetes... divides e repetes, divides e repetes... não há como escapar.

ANA aproxima-se de MARIA e passa-lhe a faca suavemente pelas costas.

ESTÁ TUDO LIGADO

ANA (*para MARIA, apontando o aro que JOÃO segura*) – É bonito, não é? No deserto da Nigéria encontram-se centenas de manchas circulares espalhadas por terras áridas. Chamam-lhes os “círculos de fadas”. Ninguém sabe bem qual é a sua origem, nem sequer os cientistas. Há quem acredite que são as pegadas de Deus.

Fica subitamente perturbada. Vai à sua mochila e tira um conjunto de pequenos cartões de arquivo com factos anotados; procura o cartão certo, lê.

ANA (*para MARIA*) – Eu disse Nigéria? Namíbia! (*atira o cartão ao chão, deprimida*) O mundo desilude-nos muito, Maria. Tu vais perceber isso pelo caminho. Olha o Sudão. O Sudão Sudão, não o Sudão do Sul. E perguntas tu, não deveria o Sudão Sudão chamar-se Sudão do Norte, já que o outro é o Sudão do Sul? Ah, Maria, as coisas não são assim tão simples... (*começa a atirar os cartões, espalhando-os pelo chão*) não é apenas uma questão de pontos cardiais, de quem está em baixo e quem está em cima, percebes? É também questão de quem é que já estava, de quem era quem, e de quem quis ser outra coisa. Mas isso agora não interessa, se falo disto é apenas para te dizer que o Sudão tem mais pirâmides que o Egito. Não é surpreendente? Mais do dobro! Estavas à espera disto? E a galinha Kiev não vem de Kiev. Aliás, nem sequer vem da Ucrânia. É provavelmente uma receita francesa importada por um aristocrata russo – ah ah, estavas à espera desta?? E olha o Butão, foi o último país do mundo a ter televisão porque se acreditava que podia corromper o modo de vida budista. Só em 1999 a televisão foi permitida. E o que foi a primeira coisa que as pessoas do Butão viram na televisão? A final do Campeonato do Mundo de futebol de 1998. Em 99!

JOÃO pendura o aro do demandante ausente no respetivo cabo de suspensão.

ANA – E sabes onde está a maior igreja do mundo? Na Costa do Marfim. Ah ah, não é surpreendente? E sabes porque é que é a maior? Porque o espaço exterior é tão grande que oficialmente fica com 30.000m². Mas o edifício mesmo, a igreja igreja, só tem 8.000m². O mundo é muito enganador, Maria.

CARLOS volta a sair da sua tenda. Começa a retirar os seus pertences, passando-os a MARIA: mochila, um almofariz e um pilão, um conjunto de saquinhos transparentes dentro dos quais se veem lápis de cor, um pequeno tabuleiro, uma manga. ANA pouso o resto dos seus cartões e volta a empunhar a faca.

ANA – O Ruanda é o país com a maior percentagem de mulheres no Parlamento, mais de 61% na Câmara Baixa! Ah ah, soa bem, não soa? Mas porquê, Maria? Porque houve um genocídio que matou os homens quase todos. Que desilusão, não é Maria?

Como se o mundo estivesse assim tão avançado! Do que é que tu estavas à espera? Sabes quantos países com nome de mulher tem o mundo? Um. Só um! Santa Lúcia e basta! *(pousa a mão com a ligadura no seu degrau e ameaça espetar a faca; suspende o movimento, vendo que MARIA a observa)* Estou a impressionar-te? Estou a fazer-te impressão? Eu posso parar a qualquer momento...

SEGUNDA EPÍSTOLA

JOÃO volta a sentar-se para desenhar. Alterna entre desenhar CARLOS que fala e ANA que tenta espetar a faca na mão. CARLOS começa a retirar um a um os lápis de cor de dentro dos sacos e a colocá-los no almofariz.

CARLOS – Então, o que é que se segue? Escolher uma tecnologia de aproveitamento da energia das ondas para investir tudo! É difícil. Há tantas possibilidades. Da Austrália: Carnegie Energy, com um gigantesco disco voador, submerso e a flutuar. Submerso e a flutuar? Sim, submerso e a flutuar. Parece impossível, mas a partir daqui tudo parece impossível. Da Finlândia: A AW-Energy que nos convida a acreditar numa parede debaixo de água. Da Irlanda: Simple Blue, com um cilindro, meio dentro, meio fora da água. Da Finlândia - e já é o segundo concorrente da Finlândia, Parabéns Finlândia - da Finlândia: A Wello, com um um barco a que chama Pinguim - apesar de não se parecer nada com um pinguim. Da Noruega: Seabased e os seus anéis misteriosos e flutuantes. Da Dinamarca: Wavestar, com umas pás espetaculares que dão murros na água. E finalmente, de Israel: Eco Wave Power.... esperem, Israel? Israel? É que eu tinha decidido aderir ao boicote a relações comerciais com Israel, em solidariedade com a ocupação da Palestina. É o meu primeiro dilema moral enquanto surfista e investidor de risco!

CARLOS movimenta-se pelo chão, procurando algo nas suas bolas de papel espalhadas. Encontra o papel certo, abre-o; assume uma posição “formal” enquanto lê.

CARLOS – “Caro CEO da Eco Wave Power, informo que eliminei a vossa empresa da lista de nomeados para o meu investimento em energia das ondas, por razões de ordem política; para mais informação por favor consulte as resoluções da ONU desde 1948. Cumprimentos.”

Põe de lado o saco que simboliza a Eco Wave Power e começa a triturar os restantes lápis de cor com o pilão.

CARLOS – Então, de quem 7 tira uma sobram 6. E o vencedor - para ficar com 1000 euros arrancados às poupanças para a segurança social de um louco que decidiu

dedicar-se ao surf e à energia das ondas - é: O pinguim, da Wello Oy: Custos baixos de instalação e manutenção, alta performance, fiabilidade, tecnologia já comprovada. E acreditem que não é fácil tirar partido de uma estrutura assimétrica e capturar energia de ondas vindas de várias direções, para conseguir uma rentabilidade superior à das turbinas de vento *off-shore*, mas utilizando uma tecnologia fiável por ser a mesma que já está testada nessas turbinas.

Começa a transferir a mistura reduzida para um saco maior.

CARLOS (*analizando a mistura*) – 220 toneladas, 30 metros de comprimento, 16 de largura, 600 kW de potência, a flutuar aqui, em frente a Skara Brae, como se os 1000 anos entre nós e eles fossem um detalhe, uma casca que envolve o mundo.

CARLOS pousa o saco maior e pega na manga que tem entre os seus pertences. Fica a observá-la.

O PLANETA RESPIRA

MARIA recapitula os movimentos com as mãos ensaiados durante a entrada do público. CARLOS passa a manga pelo corpo. JOÃO afia o seu lápis com a faca. Observa CARLOS e prepara-se para desenhar.

JOÃO estende a faca na direção de MARIA, esta pára o seu movimento, pega na faca e entrega-a a CARLOS. Depois retoma a recapitulação de movimentos necessários para montar a Caixa. ANA analisa o resto dos seus cartões e vai atirando-os para o chão.

A MANGA

MARIA regressa à mímica, recapitulando os movimentos necessários para a montagem de um mecanismo. ANA analisa como desprender a sua tenda. JOÃO olha para CARLOS e hesita; vê-o a começar a cortar a manga; não sabe o que há-de desenhar. Desiste de representar o que vê (CARLOS com manga) e concentra-se na folha e na “ideia da manga”. CARLOS passa do momento elegante, coreográfico, do corte sistemático para um momento feio e selvático de rilhar o caroço, para um momento ansioso ao contemplar o tamanho do caroço que no final fica limpo.

JOÃO (*lentamente, enquanto desenha*) – Deve haver uma fórmula relativamente simples de calcular a medida do caroço. Deve haver uma fórmula para calcular, em função das dimensões da manga. A forma da manga não ajuda, é verdade. Há frutos com os quais deve ser mais simples... o abacate, por exemplo... tem aquela forma... simples... como se fosse uma pêra. Olhamos para ele e percebemos que o caroço está ali encaixado no centro. Numa manga não é tão simples, é como se fosse achatada, como o próprio caroço, que é uma espécie de patela achatada... Se calhar é isso, se calhar o caroço é uma espécie de protótipo da manga. A manga tece o seu tecido à volta do caroço; há pontos de maior tensão e pontos de menor tensão, consoante estejam mais perto ou mais longe do caroço. É como acontece com os músculos – é isso! - : o músculo cresce à volta do osso, e a sua forma é determinada pela forma do osso; pela orientação e o movimento. Assim se determina como as fibras vão crescendo, tal como na manga; e provavelmente é assim que todas as frutas crescem: há um caroço, o caroço não cresce, a fruta é que vai crescendo à volta do caroço, vai enrolando... enrolando... enrolando... enrolando... e por fora é que vem a casca. A casca... isso já não sei como se resolve... A fruta cresce, no fundo, para preencher o espaço... para proteger o caroço - é isso! -, portanto o caroço é o que interessa, e nós comemos o que não interessa. Curioso... o caroço da manga não fica seguro pelo pé... então como é que fica? Não fica? Simplesmente, cai da árvore, a fruta é comida por um bicho qualquer e o caroço cai na terra?

MARIA repara que ANA está a tentar retirar a sua tenda. Vai ajudar a descer a tenda.

JOÃO – O pé da manga... porque é que se chama pé e não se chama braço?

CARLOS vai ajudar a desprender a tenda de ANA. ANA afasta-se.

JOÃO – Não sei. Mas está muito bem feito, assim.

JOÃO junta-se a CARLOS, para ajudar a desmontar a tenda de ANA.

O FAROL DO ARTISTA

ANA aproxima-se do aro suspenso e roda-o.

ANA – Ali pertinho do porto de Plymouth, onde o Canal da Mancha se encontra com o Oceano Atlântico, há um conjunto de rochas traiçoeiras que dão à luz perigosos redemoinhos e que foram batizadas de Eddy Stones. Quando a maré está alta, as rochas ficam totalmente cobertas, e durante séculos muitos foram os navios e ainda mais os homens que se despenharam contra as pedras invisíveis e ali se afundaram.

Se ao menos houvesse uma maneira de sinalizar as rochas, pensavam todos, algo como um farol... Mas não é possível pôr um farol em cima de um rochedo no meio do mar, pois não?

MARIA – Depende...

ANA (*sem ouvir*) – É então que surge Henry Winstanley, um homem extraordinário: pintor, gravurista e inventor, com um fascínio pela mecânica, pela arquitetura e pela hidráulica (mas não sei se por esta ordem). Amealhou algum dinheiro com projetos variados, alguns deles bastante excêntricos para a altura.

MARIA – Qual era a altura?

ANA (*atrapalhada*) – A altura era o final do séc. XVII... Com o dinheiro que foi fazendo, Henry investiu no ramo da marinha mercante. Mas em poucos meses, dois dos navios de Henry - o Floco de Neve e o Constante - foram triturados nas Eddystones, as suas tripulações afogadas e as suas cargas perdidas. Henry ficou furioso! Mas como era possível que ninguém fizesse nada? Quantos mais teriam de se despenhar ali até que se construísse um farol? Mas as autoridades pacientemente explicaram que não era possível, um farol precisava de um pedaço de costa ou de uma ilha, uma base firme onde se pudesse construir, lançar fundações, e ali não havia nada, só as rochas, e não se pode pôr um farol em cima de um rochedo no meio do mar, pois não? Ai, vocês não querem, não sabem, não podem fazê-lo? respondeu o Henry, Então faço-o eu! E meteu mão à obra! Ora Henry era um artista... (*agarra o bloco e lápis de JOÃO e desenha uma caricatura de farol*) O Farol de Eddystone era bonito. Mas era frágil e insuficiente de altura...

MARIA – Qual era a altura?

ANA (*atrapalhada*) – Imagina uma onda grande... Mesmo grande, assim, a maior onda que já alguma vez viste... Estás a imaginar? (*MARIA acena afirmativamente*) O farol era um bocadinho mais baixo. (*continuando*) Henry deu a mão à palmatória e refez o farol. Tornou-o mais alto e firme. Durante os cinco anos seguintes não se registaram quaisquer naufrágios. Henry estava orgulhoso e afirmou que o seu sonho era estar dentro do farol quando a maior tempestade de todos os tempos se abatesse sobre a Terra. Ora os deuses têm estranhas formas de recompensar os que se aventuram em demandas. E uma noite levantou-se uma terrível tempestade, uma das mais violentas registadas na História de Inglaterra. E onde estava Henry?

MARIA – No farol?

ANA (*desiludida*) – Já te contaram esta história?

MARIA – Não...

ANA – Exatamente, no farol, E quando a tempestade se abate/

MARIA – O que é que ele estava lá a fazer?

ANA – ... uns trabalhos de manutenção... E quando a tempestade se abate/

MARIA – Sozinho?

ANA – Não... estavam outros também... faroleiros, provavelmente... E quando a tempestade se abate, Henry é apanhado lá dentro e o seu sonho cumpre-se: o seu farol, provavelmente o mais bonito alguma vez construído, desmorona-se e é engolido pelas águas, levando Henry consigo!

QUERO FAZER UMA DEMANDA

ANA e MARIA arrumam a tenda de ANA dentro da sua mochila. CARLOS arruma os seus objetos dentro da sua mochila. JOÃO começa a atar um fio vermelho no aro suspenso, ligando-o depois ao seu degrau e aos de ANA e CARLOS.

JOÃO — Eu percebo a dificuldade de começar. De avançar. Tens que pensar nisso a sério, estudar o problema e encontrar o momento certo. Não é fácil decidir o que fazer. Nunca é, pois não? E não queres correr o risco de te entregares a uma coisa sem sentido. Podes ler uns livros, umas histórias... especialmente se nunca tiveste nada disso na vida. Há muita gente que nunca se comprometeu a sério com nada. Nem consigo próprio. Mas há sempre um momento certo, não?

ANA senta-se no seu degrau, com uma expressão de sofrimento. MARIA troca-lhe uma ligadura que ela tem por baixo da roupa.

JOÃO – Há livros com exemplos e sugestões que podem ajudar. É claro que não pode haver receitas para isto, não é? Nem receitas, nem livros de instruções. Se for para ser a sério, tem que partir assim do interior. Duma necessidade qualquer. Duma urgência. E eu tenho a urgência de fazer isto. Acho que temos todos. Mas, quando me ponho a pensar, acabo por ficar sempre com a sensação de estar em mar alto, completamente sozinho. Quer dizer, é uma coisa que eu imagino, porque nunca estive em mar alto, sozinho. Mas o que eu imagino é esta sensação de olhar à volta e não ver nada, em direção nenhuma, até ao horizonte. Num bote? Ou mesmo a nadar? Suponho que se for a nadar é mais desesperante, não é? Num bote podemos ficar só ali, a tentar

aguentar. Aguentar o mais possível, até que alguém nos venha buscar. Se calhar é isso mesmo, a demanda! A diferença entre estar no bote ou estar a nadar. Ou melhor, a diferença entre estar à espera que aconteça alguma coisa, e decidir fazer alguma coisa, apesar de não sabermos qual o resultado final. Boiar ou nadar? Esperar ou remar?

ANA (*para si própria*) – “A água não fica...” (*não se lembra do resto*)

JOÃO – Perdi-me.

ANA (*tentando lembrar-se*) – A água não fica...

JOÃO – A ideia do mar alto. Pois. Imagino que, no mar alto, com a ondulação, se esteja sempre num ciclo de esperança e desespero; quando estamos em baixo, as ondas escondem o horizonte e em cima, na crista da onda, mostram como estamos sozinhos e no meio do nada. Mesmo que haja sinais... uma bóia, um farol, um sinal de costa, um barco... mesmo assim, deve ser difícil perceber as distâncias, as ondas devem mudar tudo de lugar.

ANA (*para MARIA*) – Preciso de ajuda.

JOÃO – Perdi-me.

ANA (*para MARIA, estendendo-lhe o seu caderno*) – Provérbios Quenianos.

MARIA (*encontrando a página no caderno, lê*) – “Quénia, o Berço da Humanidade”...

ANA (*interrompendo*) – Não interessa, a seguir.

MARIA (*lendo no caderno*) – “A água não fica...”

ANA (*lembrando-se*) – “... no céu para sempre!”

JOÃO – Nisso, o deserto não deve ser tão chato. Não sei... no deserto nunca estive. Mas há essa coisa de se olhar à volta e parecer tudo igual, não é? Um horizonte ondulado à nossa volta... e, com o vento - dizem que o vento muda as dunas de sítio, como as ondas... se calhar é mais parecido com o mar alto do que imaginava.

MARIA (*lendo*) – “Apenas um tolo...”

JOÃO (*para MARIA*) – Perdi-me, outra vez, não foi?

ANA – “... sua na água.”

JOÃO – Também há aquela ideia de nos orientarmos pelos astros, não é? No mar e no deserto. Seguirmos uma estrela que nos guia. Uma estrela? Acho que preferia um farol. Para o meio do mar. Ou um oásis, para o meio do deserto.

ANA começa a comer a manga que CARLOS cortou. Vai dando pedaços a MARIA, que come também.

JOÃO – Mas o oásis não se vê de longe, não é? Precisava de uma estrela para me orientar para o oásis. Pois... então a ideia seria: 1º identificar um objetivo remoto; 2º identificar uma estrela - ou um farol; 3º pôr-me a caminho e persistir, mesmo que haja momentos em que pareça impossível ou em que perca a estrela - ou o farol. Depois chego lá, ao objetivo remoto e o que é que faço? E se não chegar? Se morrer na praia? Mesmo ali, onde rebentam as ondas. Coberto de espuma. Morrer na praia... que expressão horrível!

MARIA (*lendo*) – “Antes de engolires um caroço de manga...”

ANA (*examinando o caroço da manga*) – “... calcula primeiro o diâmetro do teu ânus”.

O FAROL DO MERCADOR

MARIA vê que CARLOS quer desprender a sua tenda. Aproxima-se para ajudá-lo.

CARLOS (*subitamente*) – Mas seria possível, Maria, construir um farol aqui em Eddystone?

MARIA (*corrigindo*) – Um segundo farol.

CARLOS (*surpreendido*) – Já te contaram esta história?

MARIA – Não.

MARIA vai descer a tenda de CARLOS. JOÃO vai ajudá-la. ANA vai ajudar JOÃO a desmontar a tenda.

CARLOS – Os naufrágios sucedem-se e para a construção do segundo farol, já não chamam um artista, chamam um mercador: John Ruyard, um mercador de sedas que com ajuda de uns construtores de barcos ergue um farol mais alto, mais forte, que contra todas as expectativas resiste durante 46 anos. Até à fatídica noite em que um

incêndio deflagra no topo da torre e devora toda a estrutura. Desde a costa as chamas são visíveis, à superfície da água, durante imenso tempo.

MARIA – Quanto tempo é que é imenso tempo?

CARLOS – Imenso tempo? Então, imagina que vais de férias - férias mesmo, não é um fim de semana - e ao fim de alguns dias dás por ti a pensar: “Uau, já estou de férias há imenso tempo”! Agora fecha os olhos e tenta ver quanto tempo é esse imenso tempo.

MARIA fecha os olhos para ver o tempo.

CARLOS – Estás a ver?

MARIA – Sim.

CARLOS – Então, esse foi o tempo (imenso) que durou o incêndio. No farol há três homens, faroleiros, que escapam por pouco. E um deles sai de lá mesmo em mau estado, a falar com uma voz muito rouca e a contar que quando estava no topo da torre, a tentar apagar o incêndio, uma dose de chumbo derretido vindo da cobertura lhe tinha entrado na boca e descido pelo interior do corpo. Maria, engolir chumbo derretido?

MARIA não responde. CARLOS vai-se enredando nos fios que JOÃO esticou no aro e pelo espaço.

CARLOS – Parece impossível, não é? Mas o faroleiro piora e acaba por morrer. E sabes o que descobrem na autópsia, dentro do estômago? Descubrem um pedaço de chumbo com 250 gramas, que hoje pode ser visto na exposição permanente do Museu Nacional da Escócia, todos os dias das dez e meia às quatro e meia. A entrada é gratuita, mas se quiseres ver uma exposição temporária tens de pagar 10 libras. Chumbo, Maria.

EU QUERO AJUDAR

JOÃO vai cortando os fios que antes colocou a ligar o aro suspenso ao seu degrau e aos de ANA e CARLOS.

JOÃO — É verdade que os meus esquemas são imprecisos. Incompletos. É impossível que não fossem. Eu até podia sentir-me responsável, no início, por ter deixado tudo tão

vago. Sentir-me responsável por eles. Mas vai surgir um momento em que não vou aguentar mais. Quer dizer, por mais que nos aproximemos, há sempre alguma coisa que falta. Entre um ponto e o seguinte, há sempre um ponto médio, não é? Estamos muito perto, mas ao mesmo tempo, muito longe. Quanto mais perto, quanto mais próximo, mais evidente é o detalhe de tudo aquilo que falta. (*observa o aro, onde Carlos se enredou nos fios*) É tão bonito, não é? Mas se ficares só a olhar para os pormenores do caminho, nunca vais chegar, não é?

JOÃO corta os fios no interior do aro, libertando CARLOS. Prepara-se para começar a fazer uma cardioide. MARIA volta a pegar no caderno de ANA. CARLOS começa a afastar-se. ANA começa a segui-lo.

MARIA (*lendo*) – “Não devemos seguir alguém...”

ANA (*parando*) – “... que está a fugir.”

MARIA (*lendo*) – “Por muito longe que um homem urine...”

ANA – “... a última gota cai sempre entre os seus joelhos.”

MARIA (*lendo*) – “Coça apenas...”

ANA – “... os sítios que alcanças.”

MARIA (*lendo*) – “Um barco que afunda...”

ANA – “... não precisa de capitão.”

MARIA (*lendo*) – “Corta o teu nariz...”

ANA – “... para salvar a tua cara.”

MARIA (*lendo*) – “Dois dedos não podem...”

ANA – “... entrar na mesma narina.”

MARIA (*lendo*) – “Quem não sabe uma coisa...”

ANA – “... sabe outra coisa.”

MARIA (*lendo*) – “O cão do chefe...”

ANA – “... é o chefe dos cães.”

MARIA (*lendo*) – “Ninguém pode sorrir...”

ANA – “... usando os dentes de outro.”

MARIA (*lendo*) – “A cova do coveiro...”

ANA – “... nunca é muito funda.”

MARIA (*lendo*) – “Os dentes de um homem não crescem...”

ANA – “... mais do que o seu pênis.”

MARIA (*lendo*) – “A doçura do açúcar...”

ANA – “... não está na sua cor.”

MARIA (*lendo*) – “Uma criança pode brincar em público com os seios da sua mãe...”

ANA – “...mas não se atreve a fazer o mesmo com os testículos do seu pai.”

MARIA (*lendo*) – “Não há diferença entre envelhecermos...”

ANA – “... e vivermos a nossa vida.”

MARIA (*lendo*) – “Uma pulga incomoda um leão...”

ANA – “... mais do que um leão incomoda uma pulga.”

MARIA (*lendo*) – “Até o leopardo pequeno...”

ANA – “... se chama leopardo.”

MARIA (*lendo*) – “Duas passadas...”

ANA – “... não fazem um caminho.”

MARIA (*lendo*) – “Ver é diferente...”

ANA – “... de ouvir dizer.”

MARIA (*lendo*) – “Se não sai ao papá...”

ANA – “... sai à mamã.”

MARIA (*lendo*) – “Só se vê uma cobra quieta...”

ANA – “... quando ela engoliu outra cobra.”

MARIA (*lendo*) – “Não se pode barbear um homem...”

ANA – “... quando ele não está presente.”

MARIA (*lendo*) – “Não se pode prender duas melancias...”

ANA – “... debaixo da mesma axila.”

MARIA (*lendo*) – “Se o ouro enferruja...”

ANA – “... que fará o ferro?”

MARIA (*lendo*) – “As coisas boas vendem...”

ANA – “... as más fazem publicidade.”

MARIA (*lendo*) – Nenhum amigo nos salva...

ANA – “... da idade avançada.”

MARIA (*lendo*) – “Quem não olha em frente...”

ANA – “... fica sempre para trás.”

MARIA (*lendo*) – “Até um nadador experiente...”

ANA – “... se afoga.”

JOÃO – É normal. A hesitação é... normal. Não tem que ser sinal de medo. Não quer dizer que sejas medícras, claro que não. Apenas nunca fizeste isto. E quando nunca se fez, não se sabe como fazer. É normal. Eu percebo. Percebo e posso ajudar.

MARIA vai ajudá-lo a segurar o aro para ele completar a cardioide. ANA começa a arrumar a tenda de CARLOS na sua mochila. CARLOS começa a arrumar os objetos de ANA na sua mochila.

JOÃO – Mas tens de ter cuidado com os tipos que te dizem que o importante é o processo. Os que ficam a olhar para o caminho. Porque o que é mesmo importante é definir um objetivo. Um objetivo a sério. Um objetivo que te faça pensar: “Ui... se calhar agora exagarei...” Porque depois é como se diz no ciclismo: “Faca nos dentes e sofrer até ao fim!” Sabes o que é, ter uma faca nos dentes? Estar a chorar, a chorar, e de repente percebes que as tuas lágrimas são só ácido láctico? É assim que sabes que atingiste o limite do esforço. Ou quando comesças a suar acetona... o limite da resistência. Quando suas acetona sabes que estás no caminho certo! É: lágrimas de ácido láctico, suor de acetona e... mamilos a sangrar! Nessa altura é que percebes! Venham-me cá falar de “descoberta interior”... “Descoberta interior”?? Nada diz “descoberta interior” como suar acetona! Porque, quando suas acetona, isso significa que o teu organismo está a queimar o teu próprio músculo para criar energia... Porquê? Porque a tua sobrevivência está em risco. E quem é que a pôs em risco? TU PRÓPRIO! Isto é lindo!! Não há poesia, nem literatura, nem religião, nem o caralho,

que supere isto! O poder que isto representa! O poder absoluto! Nunca terás mais poder do que quando o teu corpo está a gritar “Não! Pára, por favor, pára! Estou a morrer!!” e tu respondes “Não! CONTINUA!”. Nessa altura, a tua mente já desistiu de discutir contigo, porque já percebeu que tu és mais forte.

ANA e CARLOS colocam as mochilas às costas.

JOÃO – Foda-se... Caralho! Puta que pariu. Caralhos me fodam da puta da merda dos colhões...

ANA e CARLOS começam a afastar-se, deixando os aros da estrutura das tendas no chão, marcando círculos.

JOÃO – Nesse momento, há algo de mais profundo, de mais ancestral, que diz ao teu corpo e à tua mente: “Deixem-se dos vossos joguinhos de merda; deixem-se de hormonas, de sentimentos, o cortisol, a adrenalina e o caralho – quem manda aqui é a vontade! E é uma vontade que triunfa a posteriori, e isso é que é espetacular! Uma vontade que enunciaste ao início, mas que, quando finalmente ganha, já não está lá. Ela lançou-te como uma fisga! E até te pode levar à morte... mas é uma morte certa! As coisas determinadas pela vontade são coisas certas. São as coisas certas.

JOÃO afasta-se e observa a cardioide. MARIA afasta-se e observa a Caixa. ANA e CARLOS param ao fundo, longe um do outro e de costas para JOÃO. Retiram dos bolsos mantas de sobrevivência e abrem-nas.

JOÃO – Claro que, para isto, é preciso querer. Querer a sério. Ou melhor, é preciso saber querer. A maior parte das pessoas não sabe querer.

O PLANETA CONTINUA A RESPIRAR

MARIA abre a Caixa e retira sistematicamente todos os objetos do seu interior, partes que transformam a Caixa num mecanismo. JOÃO volta a construir a cardioide, a grande velocidade. ANA e CARLOS ficam imóveis, cobertos pelas respetivas mantas de sobrevivência. Depois recolhem as mantas, apertando-as nas mãos, até fazerem bolas.

TERCEIRA EPÍSTOLA

CARLOS (*aproximando-se de MARIA*) – “A energia das ondas é arte” - quem diz isto é o meu CEO - “A energia das ondas é arte porque também se trata de dar a ver o que se esconde na realidade e na existência”. Sim, eu agora tenho um CEO, e acredita, Maria, acredita que quando o CEO de uma *start-up* olha para uma nuvem, ele consegue ver, à volta da escuridão que transporta a tempestade, ele consegue ver um contorno luminoso, um lado positivo e otimista onde os outros não encontram boas notícias; onde eu não encontro sequer a esperança.

JOÃO deixa a cardioide e vai sentar-se junto à sua tenda. CARLOS avança para a cardioide.

CARLOS – Sabes o que é que ele diz? O CEO de uma *start-up*? Que os artistas estão interessados em coisas que [não] que os artistas trazem essas coisas como parte da realidade... não, os artistas trazem o real... não, os artistas trazem o mundo real... não, os artistas trazem o mundo para fora dos laboratórios.

ANA – No México existe um Programa que permite aos artistas pagar os impostos com as suas obras de arte...

CARLOS – O mundo para fora dos laboratórios? Eu não compreendo o que ele diz, a sério, mas é maravilhoso, não é? É maravilhoso que um CEO - que também faz surf - que um CEO defina arte como algo que desafia a compreensão, usando uma frase que não se consegue compreender. Um CEO de uma *start-up* finlandesa!

CARLOS balança a cardioide e atira-a na direção de ANA, que a apanha.

ANA – Em que dia nasceste?

CARLOS – 13 de outubro.

ANA – Na Finlândia, o dia 13 de outubro é o Dia Nacional do Falhanço.

ANA começa a atirar a cardioide a CARLOS, como se fosse a seta de um arco.

CARLOS (*desviando-se da cardioide em movimento*) – Compro 269 ações da Wello que me custam 1003,37€. Agora sou dono da Wello. Quem diria, eu, dono da pequeníssima parte de uma empresa finlandesa de energia das ondas. Eu, dono desses pinguins, ou dono da empresa que é dona dos pinguins e vai vender tecnologia

ao mundo inteiro, até mesmo em Nusa Lembongan, uma meca do surf com ondas gigantescas.

CARLOS atira-se para o chão e simula que enfrenta as ondas enquanto se desvia do aro com a cardioide, que Ana faz pendular.

CARLOS – Não é fácil. Nada é fácil. Nem descortinar as ondas no mar cinzento - para acertar com o timing do “paddle paddle paddle paddle, stand up” - nem gerir o stress dos meus sócios!

CARLOS levanta-se e dirige-se a JOÃO.

CARLOS – Quantos pinguins temos de vender para chegar ao lucro anunciado?

ANA – “Zeg”...

CARLOS – Se temos tão pouco dinheiro em caixa, como é que vamos subir os salários?

ANA – É como se chama na Geórgia ao dia depois de amanhã.

CARLOS – Estas projeções financeiras não são demasiado otimistas?

ANA – “Mazeg”...

CARLOS – Porque é que o nosso património é todo intangível?

ANA – ... é o dia depois do dia depois de amanhã.

CARLOS – Porque é que o contrato na Indonésia, o de Nusa Lembongan, ainda não está assinado? E o de Mumbai, com o governo indiano?

ANA – Em Omã há uma ilha que em tempos serviu de posto de telégrafo do Império Britânico para as comunicações com a Índia...

CARLOS (*alto*) – Alguém pode traduzir o artigo que saiu num jornal da Estónia sobre o pinguim de testes? É que aqui ninguém lê estónio.

ANA – Mas todos os soldados colocados na Ilha do Telégrafo endoideceram.

CARLOS (*desesperado*) – Não aguento. A sério. Não aguento.

ANA – Uma combinação fatal de calor, monotonia e claustrofobia.

JOÃO *tapa os olhos com as duas mãos.*

CONTINUA TUDO LIGADO

ANA observa MARIA, que está concentrada a montar as partes da Caixa.

ANA (*para MARIA*) – Alexandra! (*MARIA olha, confusa*) Rainha Alexandra. É a maior borboleta do mundo... as asas têm uma envergadura de 30 centímetros (*mostra com as mãos*), mais ou menos isto... (*repara na distância*) Uau... é grande! As borboletas costumam ser coisas pequenas, não é?... e bonitas, muito bonitas. Vive na Papua Nova Guiné. A rainha Alexandra. Está tudo ligado... As coisas pequenas em que ninguém repara... não estou a falar só de borboletas, digo, as coisas em geral... ou melhor, as coisas em específico... (*agarra, sem olhar, num pequeno dicionário que MARIA retirou de dentro da Caixa*) em que ninguém repara... e parecem tão pequenas e inócuas, mas com o tempo... é o Efeito Borboleta... Ah, borboleta! Eu bem digo que está tudo ligado! Porque é que se chama assim? Por causa dos Estranhos Atratores... (*pousa o dicionário e aproxima a mão de MARIA, como se tentasse tocá-la; sedutora*) E o que é um “Estranho Atrator”?

JOÃO (*mantendo os olhos tapados*) – É um mapa caótico que mostra como o estado de um sistema dinâmico evolui no tempo num padrão complexo, não-repetitivo e cuja forma é conhecida por se assemelhar a uma/

ANA (*interrompendo*) – ... borboleta!

JOÃO – Vem da Meteorologia/

ANA – Do céu... das nuvens... Não é bonito? Também é um símbolo de ressurreição... (*em crescendo*) Na Coreia do Sul há um serviço que organiza funerais em vida; não são funerais mesmo, são simulações, podemos escolher a roupa com que queremos ser enterrados, escrever cartas de despedida à família e passar uns 10 minutos dentro de um caixão, a ideia é refletir, refletir sobre a vida, claro, sobre a morte não, não há nada a pensar sobre a morte, claro que confias que alguém vem para te tirar lá de dentro ao fim dos 10 minutos, porque é que não haviam de vir? E o Limbo foi criado em Trindade e Tobago para ser dançado em funerais, estavas à espera desta? O mundo é

surpreendente, Maria, sabias que no Zimbabué há pessoas que acreditam em sereias e dizem que elas são maléficas e há dois anos atrás, quando levaram uma mulher para uma esquadra por suspeita de ter pendurado umas roupas nos cabos de eletricidade, quase houve um motim e as pessoas disseram “Finalmente prenderam uma sereia!” e puseram-se à porta da esquadra e exigiram ver a sereia, até que teve de vir um representante da Polícia fazer uma declaração à imprensa: “É mentira que prendemos uma sereia. Mais acrescento que, na qualidade de agentes da autoridade, não acreditamos em seres místicos.” E no Vanuatu existe uma ilha no sul da qual existe uma tribo que acredita que o marido da Princesa... (*esbofeteia-se; corrige*) o marido da Rainha de Inglaterra, o Príncipe Filipe, é descendente de um dos seus espíritos ancestrais, e consideram-no um Deus, e esperam fervorosamente que ele regresse “a casa” e passe o resto dos seus dias com eles... Ah ah, o mundo é mesmo inacreditável, Maria! E ainda assim só há uma cidade em todo o mundo com pontos de exclamação no nome: Saint-Louis du Ha! Ha!, no Canadá... (*cansada*) Eu acho que vou parar agora...

ANA cambaleia e fica dobrada sobre si própria, a recuperar o fôlego. JOÃO faz menção de desprender a sua tenda. MARIA aproxima-se de CARLOS com o dicionário na mão, mas CARLOS levanta-se sem reparar nela e vai ajudar JOÃO.

ANA (subitamente) – Na Mauritània existe um provérbio que diz: “Uma palavra má é pior do que a corda de um arco; um corte na pele sara, um corte da língua não.” (cambaleia) Eu vou parar agora. (cai ao chão, exausta)

O FAROL DO ENGENHEIRO

MARIA ajuda a descer a tenda de JOÃO. CARLOS começa a desmontá-la. JOÃO olha para os restos dos seus desenhos, espalhados pelo chão, e para o aro com a cardioide.

JOÃO — A verdade é que Eddystone precisava de um farol. O artista tinha razão: os barcos e os marinheiros precisavam daquele farol. Ele e o mercador de seda podiam ser uma merda como construtores de faróis, mas não eram idiotas. Eddystone precisava de um farol. Por isso, finalmente, chamaram alguém que sabia o que estava a fazer: Smeaton, John Smeaton. Um engenheiro civil. Melhor: o primeiro engenheiro civil da história da engenharia civil! Não era fácil segurar um farol num rochedo tão pequeno, no meio do mar, que fosse capaz de resistir a tempestades. Era preciso alguém que soubesse o que estava a fazer. E Smeaton sabia. E sabes o que é que ele fez?

MARIA — Construiu um farol?

JOÃO (*desconfiado*) — Já te contaram esta história?... (*MARIA não responde; JOÃO começa a construir uma torre / farol com os três degraus*) Não se limitou a construir um farol: mudou completamente a maneira de pensar na forma e na construção dos faróis! Sabes o que é que fez?

MARIA — Vais dizer-me.

JOÃO — Também tinha algo de artista, o Smeaton, e inspirou-se na forma do carvalho para fazer uma torre mais larga na base e mais estreita no topo. Assim, pôde fazer uma estrutura muito mais sólida e muito mais alta.

MARIA — Muito mais alta? Que altura é que tinha o farol do Smeaton?

JOÃO — 22 metros. Consegues imaginar? Precisas de fechar os olhos?

MARIA — Se calhar.

ANA, recuperada, vai inspecionar os esboços que JOÃO desenhou; fica a segurar um cheio de pontos e manchas e outro com a imagem de CARLOS-Surfista. Deixa cair o desenho de CARLOS dentro do aro dele e aproxima-se do seu aro segurando o desenho dos pontos.

JOÃO — Imagina um prédio de 7 andares. É um bocadinho mais. Bem... era um farol magnífico. Tão magnífico que suportou sem dificuldades os maus tratos do mar, dos ventos e das tempestades. Mais de 120 anos depois de estar a funcionar, a erosão começou dar cabo do rochedo, mas o farol ainda estava em ótimas condições. E sabes o que é que fizeram?

MARIA — Construíram outro farol?

JOÃO — Mas já te contaram esta história?... Não se limitaram a construir outro farol: decidiram que o farol do Smeaton tinha que ser transformado num monumento. Quiseram levá-lo para terra firme, mas a base do farol estava tão bem construída, que foi impossível separá-la do rochedo. O rochedo a desfazer-se e a base do farol, ali agarrada como uma lapa...

QUARTA EPÍSTOLA

ANA (*deixando cair o desenho dos pontos*) – Ponto, ponto, ponto... Precisávamos de um mapa, mas dão-nos telas com pontos... Siena queimada. É uma cor. É um pigmento. Um pigmento que se queima, que se mistura e no fim... acrescenta-se um ponto de preto. Só um ponto.

CARLOS *acaba de arrumar a tenda de JOÃO na mochila dele e dirige-se ao seu aro de tenda. MARIA senta-se junto à Caixa e começa cuidadosamente a terminar de montar o seu mecanismo.*

CARLOS (*pegando no esboço do surfista*) – O meu pinguim afundou-se. O protótipo. Não se sabe porquê: fadiga dos materiais? Choque com uma embarcação? Estamos a negociar a tecnologia e nem sequer conseguimos manter um protótipo a flutuar? Já nem digo a gerar energia, só a flutuar?

JOÃO (*encontrando o dicionário que MARIA tirou da Caixa*) – Um dicionário?

MARIA (*para CARLOS*) – Como é que deixaste afundar uma máquina tão grande?

CARLOS – Segunda-feira de manhã, o meu engenheiro olha e aquilo parece um bocadinho inclinado, parece estar a afundar. O alarme começa a tocar. Corremos para o centro de operações a pedir ajuda e na terça-feira temos um barco, mas há uma grande tempestade e não conseguimos entrar no pinguim. Quarta-feira a mesma coisa, e o alarme sempre a tocar. Na quinta-feira conseguimos abrir a escotilha e o interior está cheio de água. Só pode ter sido o sensor avariado, o sensor de água devia ter disparado antes do pinguim inclinar. E o alarme sempre a tocar. Tentámos salvar o pinguim mas com a tempestade não conseguimos meter o tubo até ao fundo para bombear a água. Na sexta-feira de manhã o nariz já está fora de água, portanto não há mais tempo. Às 11h desaparece.

JOÃO (*lendo*) – “Delimitar, Demarcar, Delinear...”

MARIA (*para CARLOS*) – Afundou?

CARLOS – E o alarme nunca parou de tocar. É que ninguém tinha imaginado que fosse possível perdermos o protótipo, portanto não dá para desligar.

JOÃO (*lendo*) – “Delinquência, Delinquente, Delito...”

MARIA – Afundou?

CARLOS – Não, afundar não, é deprimente.

JOÃO (*surpreendido*) – Não tem “Demanda”?

MARIA – Afundou?

CARLOS – “Deixou de estar visível à superfície”. É assim que dizemos. Não é bonito? Não é uma maneira mais bonita de contar o que aconteceu? É que afundar mete medo, é trágico. E isto é normal, os protótipos servem é para afundar, ou melhor, para deixarem de estar...

MARIA – ... visíveis à superfície.

CARLOS – Mas estão lá. Eu vejo-os no fundo do mar

MARIA – Ninguém vê o que tu vês.

ANA – Em Siena existia uma rapariga chamada Catarina, que era casta e tinha visões: são sempre castas as raparigas que têm visões... “Sê quem é suposto seres e incendiarás o mundo” – dizia a Catarina, mas na verdade não dizia, isso foi o que outros disseram que ela dizia, porque Catarina olhava pela sua janela e não imaginava o mundo, só via o que tinha à frente, e o que estava para lá do mundo, dizia ela... (*começa a desfazer o seu aro no chão e a juntar as peças que o compõem*)

CARLOS – Mas para que é que tu queres ver se eu te estou a dizer?

JOÃO (*lendo*) – “Delírio, Delirar...”

MARIA (*para CARLOS*) – Perdeste o teu dinheiro. Os 1000 euros que devias ter entregue à Segurança Social. E ainda por cima vais morrer na praia?

CARLOS (*enquanto desmonta o farol formado pelos degraus e o monta de cabeça para baixo*) – Mas sou o único, o único a vir aqui, percebes? Isto tem de contar para alguma coisa São milhões e milhões de euros a girar e nunca ninguém veio aqui. Só eu. Porque acredito. Quero dizer, não acreditava, mas agora acredito, acredito que falhar é o melhor que podes fazer, é estar tão à frente que é o mundo que não acompanha a tua imaginação. Olha, “Forçar o mundo a acompanhar a imaginação”, é isso que eu digo a uns jornalistas da National Geographic que me entrevistam na zona de testes - não lhes digo que o protótipo afundou, achas? Digo-lhes que é o mundo que tem de acompanhar a imaginação. E entro no mar.

MARIA – A sério? Disseste isso à National Geographic?

JOÃO (*lendo*) – “Demente, Demência...”

CARLOS – Entro no mar com um fato emprestado pela minha escola de surf em Matosinhos, dois botins (tive de comprar) porque aqui as praias não são de areia, e uma segunda camada térmica mais uma proteção para a cabeça (emprestadas pelo meu engenheiro) porque aqui, em Skara Brae, a água é mesmo fria.

JOÃO (*lendo*) – “Demais, Demasia, Demasiado...”

MARIA (*para CARLOS*) – Vais morrer na praia?

JOÃO (*pousando o dicionário*) – Não há demanda. (*começa a desfazer o seu aro*)

ANA (*tapando os olhos com as mãos*) – Se fechares os olhos com força, o que é que vês?

CARLOS – As ondas.

ANA – Eu digo-te o que vês...

CARLOS – São muito grandes para mim, muito rápidas, quebram a pique e a distância à praia é minúscula. Há rochas por todo o lado.

ANA – Vês o mesmo que eu!

CARLOS – Eu não sou bom o suficiente para entrar neste mar. Acho que vou morrer aqui.

ANA – Estes pontos, estas manchas, estão gravados no nosso código genético, toda a gente os vê, em qualquer parte do mundo.

CARLOS (*desfazendo o seu aro e juntando as peças*) – Nunca vos devia ter prometido que ia conseguir fazer surf na mesma praia do protótipo. Foda-se, que estúpido, porque é que vos prometi isso? Porque é que tenho de cumprir uma promessa estúpida quando vocês nem sequer fizeram o que estava combinado? Desenhos? Mnemónicas? A sério? Vou morrer aqui e a última coisa que vejo é a porra de uma aldeia em ruínas!

MARIA – Vais morrer na praia?

ANA – E no nosso código genético há 20 códons que codificam 20 aminoácidos, mas para além destes 20 há muitos outros códons, não se sabe bem porquê, o que é que estão ali a fazer, e por isso se diz que o código é degenerado e redundante, porque apesar de aparentemente só precisar de 20 códons, tem... (*destapa os olhos*) 64.

CARLOS – O comandante do navio viking não desembarca. Opta por tentar terminar o poema, mas não consegue, perde-o para sempre, em Skara Brae, onde eu perdi uma

máquina de energia das ondas e daqui a pouco vou perder a vida. *(pausa)* Sabes, Maria? Ainda bem que não temos de transformar esta prosa toda em poesia.

Os três demandantes param, de mochila às costas. MARIA está absorta na Caixa movimentando-se em torno dela, ocupada com o mecanismo, e murmurando para si própria. A sua voz começa a ouvir-se progressivamente mais alto. Eles olham para ela.

MARIA – Ponto curto, ponto longínquo, marca, marca, leva o tempo, agarra o caminho, o caminho encontra o tempo, interseta, passa para o outro, ponto curto, ponto longínquo, marca outra vez, leva o tempo, agarra o caminho, o caminho interseta o tempo... *(para eles, sem olhar, continuando a ação)* ... Isto não tem nada de esotérico... Isto é mesmo assim... em cada patamar há um tempo e em cada esquina um caminho e cada coisa já foi usada muitas vezes... *(para si)* Leva o tempo, agarra o caminho, interseta... *(para eles)* Às vezes os pontos não intersetam, mas não faz mal... Às vezes ficamos entre dois pontos do tempo, mas entre um ponto e o seguinte há sempre um ponto médio... marcamos e continuamos... *(para si)* Ponto curto, ponto longínquo, marca, marca... *(para eles)* Podemos seguir os ponteiros do relógio, podemos ir contra os ponteiros do relógio... é pertinente, mas... no final não interessa. *(para si)* A partir daqui, não mexemos mais no tempo, vamos definir... *(liga as luzes da caixa)* Projeta o ponto e define... projeta o ponto e define *(para eles)* A partir daqui não interessa, a partir daqui é o aperfeiçoamento *(para si)* Projeta o ponto e define... projeta o ponto e define *(para eles)* Aqui começa um processo infinito... podem fazer isto para sempre, ou 10 vezes *(para si, colocando no centro da caixa uma pequena coluna transparente que acende, como um farol)* Não é fácil, nada é fácil... É um aperfeiçoamento, podem continuar ou parar a qualquer momento *(coloca em torno do "farol" 4 pequenos painéis com folhas de papel presas)* Podem fazer com 4... *(retira um dos painéis)* ou podem fazer com 3... não interessa. *(risca com um lápis a folha de papel do painel que retirou)* No fim, o que fica são telas de projeção riscadas, sempre riscadas...

ANA, CARLOS e JOÃO olham uns para os outros. Agarram as peças dos aros das suas tendas e preparam-se para partir.

MARIA – Ah! *(eles param)* Existe ainda uma... função adicional...

MARIA revela uma pequena manivela. Insere-a num orifício da Caixa e roda-a. Ouve-se a melodia de uma caixinha de música. MARIA olha para os três demandantes.

MARIA *(sorrindo)* – Não serve para nada... mas é... divertida.

ANA, CARLOS e JOÃO seguem o seu caminho.

MARIA permanece junto da Caixa com a manivela na mão. A música continua a tocar.

FIM